

# Reaccionarios e ignorantes!

Não somos, temo-lo dito bastas vezes, órgão de qualquer partido ou organização de classe. Independentes, activa e orgulhosamente independentes, escrevemos o que queremos conforme a nossa consciencia de republicanos e portugueses.

Nenhuma peia nos tolhe a pena. Nenhum interesse, por pequeno que seja, nos impede de falar alto, claro e verdade.

Escrevemos para o Povo e dêle, só dêle, queremos receber carinho e aplauso.

E o nosso dever para com o Povo republicano e liberal obriga-nos a estar, desde esta hora, contra o governo que, do poder, se apossou por uma revolução em que participaram trabalhadores do exercito e da officina e se está deixando dirigir pelas forças reaccionarias da plutocracia e da igreja que desse Povo, são os maiores e mais implacaveis inimigos!

Desde esta hora, guerra! Guerra sem treguas que não alvejará pessoas se não no que elas tiverem de representativo na orientação que se está seguindo. Verberaremos e combateremos erros que, a contintuarem, entregarão a Republica na mão rápaca da Alta Banca manejada pelo Papa negro da reacção jesuitica!

Entendidos, pois.

Fez-se a revolução, que, pelo auxilio de muitos e pela benevola espectativa de todos, bem pode ser classificada de nacional. Proclamou-se a necessidade salvadora do impedir das competencias. Gritou-se pelos tecnicos e afirmou-se que iam ser encarados cuidadosamente os mais instantes problemas para a vida de Portugal.

Todos bateram palmas.

Nós batemo-las fracas.

Confiavamos pouco mas esperámos. E o que surgiu?

Um ministerio de ineptos do qual só se aproveita se, se aproveita — a boa intenção.

Confessa-se incompetente o ministro dos estrangeiros. Incompetente numa pasta por onde, nesta hora internacionalmente grave vão passar complexos problemas como o da arbitragem de Haia a delemitação de fronteiras e o tratado com a União Sul Africana! Incompetente?

Pois saia! Quem tem coragem e hombridade para tal confessar, tambem deve ter coragem, a nobre coragem de dar lugar a outro, a outro que saiba, a outro que seja competente porque, para esses, para que os competentes dirigissem é que a Nação, só de uma vez, pagou 20 mil contos!

*Incompetente* se afirmou tambem, ignorante confessou ser dos assuntos da sua pasta, o actual ministro da Agricultura.

Como querem que o país confie, tenha esperança e os apoie?

O Povo conhece quantos perigos surgirão da inepecia deste governo. E, se o não soubesse, ele proprio os desvendou já.

O sr. ministro da Agricultura, entregou-se inteiro e inerte nas mãos aduncas das forças vivas. Delas afirmou esperar auxilio e ensinamento. Nós sabemos que especie de auxilio e ensinamento esses senhores fornecerão ao ministro.

Conhecemo-los! São os cavalheiros da Moagem falsificando o pão e roubando o péso. São os senhores da lavoura sonegando a produção, escolhendo a cultura e dando aos porcos, quando o trigo ou a batata abundam, o que sobeja de suficiente para manter a carestia.

São os senhores das industrias, transformando as pautas, evitando a importação para manter a alta de uma produção que não aperfeçoam nem multiplicam porque esbanjam os bastos lucros com amantes e pandegas não adquirindo maquinaria que mais uteis os tornassem!

Associações Comerciais, Industriais e Agrícolas!

Nelas não imperam os comerciantes honrados que só no seu comercio pensam; os industriais dignos que só da sua industria tratam; os agricultores respeitaveis que só da sua lavoura cuidam!

Nelas imperam estranhos e ambiciosos *meneurs*, jogadores de bolsa, especuladores audazes,

exploradores miseráveis da triste miséria da Nação! E é na mão desta gente que o sr. ministro da Agricultura entregou, confiou, a sua confessada incompetência!

Assim, não!

Já cessou o toque do ultimo clarim militar conduzindo o exercito de regresso aos quartéis. Desse exercito revolucionario fazem parte muitos espiritos de soldado, sargento e official. desempoeirados e liberais

A tropa que dormiu tanta noite sobre a terra dura e sob a fragil cobertura de uma leve tenda de campanha; o exercito que se indisciplinou não sofreu nem proclamou a sua revolta com outro intuito que não fosse dignificar a Republica e defender o Povo das garras aduncas de uma plutocracia feroz que, atravez alguns democraticos corruptos, se fazia representar nos governos para melhor roubar o paiz.

O Exercito quando se revoltou não pensou na igreja. O povo quando aplaudiu, não se recordou dos padres. Ambos pensaram dar um pouco mais de pão e bem estar aos humildes, aos que trabalhavam.

Pensou-se na reforma ao trabalhador, na assistencia ao menor, na protecção á mulher grávida, na irrigação das nossas terras, na conservação das nossas estradas, no aproveitar da hulha branca, no salvar as colonias em perigo!

Pois, senhores a primeira medida anuncia a nenhum destes problemas visou!

Vai-se reconhecer a capacidade juridica da igreja;

Que devemos fazer!?

Rir? Já rimos o suficiente nestes ultimos dias. Agora só resta o cumprimento do nosso dever.

O governo Antonio Maria da Silva encobria as manobras da Reacção e era seu disfarçado e interesseiro instrumento.

Estes puseram-nos claramente o perigo perante os olhos e por ele, são inconsciente e ineptamente, manejados!

A Republica caiu nos braços da Reacção! Mendes Cabeçadas, figura austera de republicano honrado, afastou de momento, o perigo monarchico agitado pelos *cassapos* audaciosos.

Os comandos estão sendo entregues, na sua maioria, a officiais distintos e republicanos sem macula mas a *infiltração*, a perigosa *infiltração* começou.

Acautelemo-nos!

# TABACOS

*Estamos a quinze dias do governo salvador. Ainda não se disse ao paiz em que regime do negocio dos tabacos ficamos vivendo:*

**Liberdade, monopolio ou «regie»?**

*Que negociatas se estão fazendo em torno deste magno assunto aproveitando a manifesta e declarada incompetencia dos que governam? Que compras se vão fazer?*

**Sr. Presidente do ministerio!**

**Liberdade, monopolio ou «regie»?**

*A Nação quer saber! A Nação exige que o governo diga o que pensa!*

*Ou tal assunto será, para o governo, de menor importancia?*

*Ou o reconhecimento da capacidade juridica á igreja é mais urgente do que a resolução do problema dos tabacos?*

**Liberdade, monopolio ou «regie»?**

*Em que ficamos?*

## A PERSONALIDADE JURÍDICA DA IGREJA

A consciencia liberal vai ser afrontada  
pelos reaccionarios

O actual governo, como solenemente tem sido declarado, não vem fazer o jogo das facções politicas, visto pensar acima delas com o seu objectivo de salvação nacional. Estas promessas, feitas voluntariamente, requerem para ser cumpridas um grande cuidado e uma grande prudencia. Os que neste momento andam mais empenhados em fazê-lo desviar daquele objectivo para o lançar nos braços da politica de facção são os reaccionarios, os monarchicos, o que impõe ao governo, em face deles, uma regra de conduta severissima, sob pena de faltar ás suas promessas e de ficar, moralmente, pessimamente colocado perante a Nação.

Porisso nos surpreendeu dolorosamente, que uma das medidas que preocupam logo de entrada o te ministerio fosse a do reconhecimento da capacidade juridica da Igreja. E' certo que do actual governo fazem parte criaturas definitivamente reaccionarias como o sr. Mendes dos Remedios, que é como sabe, um dos principais culpados de ter sido aprovada pela Universidade de Coimbra, a que ele pertence desde o tempo da monarchia, a tese de character confessional «Lourdes e a Medicina». Mas pensavamos que o antigo lente de teologia tinha sido chamado em atenção á sua competencia como pedagogo e que uma vez no ministerio teria de curvar-se perante o pensamento republicano do governo. Assim não aconteceu. O sr. Mendes dos Remedios que conseguiu mplan a republica ser ministro, o que já uma lança metida em Africa, poude ainda dentro do actual regimen defender no Terreiro do Paço uma ideia tão cara ao seu espirito ultramontano.

A maioria do paiz é composta por catholicos e o reconhecimento da capacidade juridica da Igreja é uma satisfação dada a essa grande e essa esmagadora corrente espirital argumenta-se constantemente sempre que as reduzidissimas, as quasi invisiveis hostes do sr. Lino Neto, surgem com uma exigencia ultramontana.

Não é verdade. Se para se ser catolico basta ir de quando em vez á missa, casar ou batisar meninos em qualquer igreja paroquial, então não ha duvida: ha realmente em Portugal, um grande numero de catholicos. Mas se para se ser catolico é necessario defender a politica da Igreja, ser pela educação religiosa, ser contra a lei do divorcio e pela prohibição de todos os livros que o Vaticano

condena, ha que reconhecer que os catholicos são uma reduzissima minoria.

A maioria dos catholicos nunca se importou com a lei da Separação da Igreja do Estado e a prova está que contra ela ainda não conseguiram os catholicos organizar um movimento de protesto que pudesse ser tomado a serio ou que impressionasse pelo numero de pessoas que dele participasse. A maioria dos catholicos, que é, aliás, composta de analfabetos, o povo ignaro das vilas e aldeias, o que quere é que respeitem as suas crenças e que deixem os actos do seu culto inteiramente livres.

E como para o culto catolico tem havido a maior das tolerancias, até hoje ainda não houve um unico protesto de religiosos contra a republica, apesar dos esforços feitos pelos padres na sua maioria assinantes da «Epoca» e da energia e da intriga, nesse sentido, despendidos pelo sr. Lino Neto.

Quem pede o reconhecimento da capacidade juridica da Igreja, medida tão reaccionaria que a propria monarchia nunca a decretou, alem dos fieis do sr. Lino Neto e dos jesuitas de *paletot* que infestam a sociedade portuguesa?

Ninguem. Torna-se portanto, incompreensivel que o governo passe, repentinamente, a considerar as suas promessas de abstenção de politica facciosa, transformando as em pedacinhos de papel, só para ser agradável a um bando de hypocritas que não tem ao seu lado um aplauso nem sequer a simpatia benevola da opinião publica. O governo vai praticar um acto que a maioria dos republicanos, com razão, considerará uma afronta. A republica tem até hoje respeitado ao maximo a igreja, mas por isso mesmo, não ha o direito de vir afrontar a consciencia liberal com uma medida que nunca até hoje reuniu a defendê-la mais dalgumas centenas de reaccionarios que podem ser apontados a dedo.

## ARMA-TE !

*Se tens armas em casa, limpa-as e prepara-as para servir. A República está em perigo e pode ser necessario defendê-la.*

*Se não tens armas procura obtê-las. Todas servem. A artilharia não se faz ouvir só pela boca dos canhões.*

# Como encaram os militantes operarios o actual momento

Mais do que a maior parte dos militantes operarios possa supôr, a attitude da organisação operaria, e até mesmo a sua sorte, pode influir incontra-versamente na actual situação politica. Já dissemos no nosso numero anterior que a principal, senão a unica, preocupação dos militantes sindicalistas — assim se designam os elementos da organisação operaria — é opôr-se, ainda que com sacrificio, a todas as tentativas de estabelecimento de um regime brutal de ditadura.

Esse perigo parece arredado. Pelo menos, não se impõe uma ditadura brutal, visto que, apesar de certos actos do actual governo, a estrutura constitucional não tem sido afectada, e ninguem foi ainda inibido, por qualquer meio, de expôr as suas opiniões. Assim falham as esperanças dos monarchicos, aos quais a organisação operaria, quer officiosamente, quer no seu órgão jornalístico, tem manifestado sempre repulsa e desprezo.

A situação, como decorre, tem já a disfarçada animadversão dos reaccionarios, e, se bem que não deixe de oferecer determinados perigos começa oferecendo alguma confiança, pelo menos, a confiança de que a Republica não possa ser seriamente ameaçada.

Os militantes da C. G. T. vão observando atentamente, inteligentemente, as fases dos actuais acontecimentos. Como a sua confiança de que o estabelecimento de uma ditadura será impedido, de que as liberdades publicas — que elles, como nós, democratas, consideram escasas — não serão diminuidas, vão rectificando a sua prevenção, tendo abandonado já as suas posições de guerra aberta, pois retiraram, antes de

haver oportunidade para ser cumprida, a sua ordem de greve geral revolucionaria.

A organisação operaria não foi, felizmente, afectada pelos acontecimentos, cuja gravidade não foi extrema porque o espirito republicano anima o exercito; e assim faz ininterruptamente a sua vida politica e social, efectuando ha dias um comicio, onde os principais organismos operarios — os de função dirigente — puderam livremente expôr o seu pensamento official acerca da presente situação.

Não irá mais longe do que isto a attitude da organisação operaria, tanto mais que não haverá motivo para novos alarmes. A C. G. T., declarando-se, como sempre, dentro do seu exquisito critério, extranha a todas as situações politicas e á sorte dos partidos, nenhum facto de relevo virá outra vez oferecer.

Foi-se, sem duvida, uma esperança dos democraticos que, acicatando o legitimo odio das organisações operarias — tão perseguidas e afrontadas por elles — contra uma pretensa ditadura militar, queriam proporcionar-se de attitudes de hostile protesto para aumentar as probabilidades do restabelecimento da sua nefanda ditadura *directorial*. Nem, sequer, inconscientemente, os democraticos poderão contar com o apoio de sinceros e denodados defensores da liberdade. E' justiça reconhecer-se que os militantes operarios encaram o momento com larga visão politica, usando de uma prudencia e de uma serenidade que lhes permitem evitar que aventureiros e ambiciosos se sirvam da sua fé na liberdade para restabelecer disfarçadas ditaduras condenadas sem recurso pelo senso publico.



## A ultima sessão legislativa

*Dialogo entre dois das jorças vivas:*

—O governo não deixa reunir mais o parlamento...

—Não te rales... E' ocasião de metermos a foice no mato...

# Notas irreverentes

O povo acolheu friamente o general Gomes da Costa  
Boaventura bemaventurado mas aventureiro  
Baião posou para a historia

Assistimos à parada de domingo, junto da tribuna de honra. Para esse local convergiu o maior numero de povo. Milhares de pessoas, numa massa compacta, aglomeram-se junto dessa tribuna, onde se encontrava o illustre presidente do ministerio, e todo o elemento official.

Com especial atenção vimos a chegada do sr. general Gomes da Costa, para tomar o seu lugar na referida tribuna, e verificamos que as manifestações de que nesse local foi alvo, foram retraidas e frias. Alguns vagos vivas a s. ex.<sup>a</sup> e mal correspondidos. O povo republicano que ali se reunia estava apatico e reservado.

Porque não tivesse recebido com viva simpatia o movimento revolucionario de 27 de Maio? De nenhuma sorte. O povo contribuiu eficazmente para o triunfo da revolta.

Porque o sr. general Gomes da Costa, com os seus inumeros discursos, deixou seriamente alarmada a população liberal de Lisboa, e ainda porque muitas das pessoas que o rodeiam não merecem confiança á massa republicana, e que mau grado de todos nós lá vinham cavalgando á estribeira do chefe do movimento no Norte.

Se a população liberal já estava desconfiada, mais desconfiada ficou no domingo ao vêr que esses homens continuam a fazer casa da guarda ao sr. general Gomes da Costa.

Devia o sr. ministro da guerra ter-se apercebido da frieza com que o povo o recebeu.

Pade e deve s. ex.<sup>a</sup> recuperar a confiança da população republicana de Lisboa.

Para isso basta afastar para bem longe de si as pessoas que o comprometem, e fazer Republica e só Republica.

Senão, não!

O «Diario de Noticias» de 3 do corrente, publicava uma entrevista com «um dos chefes civis do movimento» Boaventura Féria. Essa entrevista mereceu a transcrição do nosso prezado colega eborense «O Democratico» órgão da Esquerda Democratica no distrito de Evora.

Que o «Diario de Noticias» publicasse a entrevista, está certo, porque quem trabalha nas gazetas, sabe bem como é facil nestes momentos, cada um fazer o seu panegirico, mas que os jornais partidarios colaborem nessas auto-biografias, sem saberem de quem se trata, é que não está nada certo.

Pessoa que nos merece a mais absoluta con-

fiança, informa-nos que este sr. Boaventura Féria, ficou em medicina pelo primeiro ano, tendo-se salientado muito no movimento que contra Sidonio Pais esteve para eclodir no Porto em 12 de Outubro de 1918, camaradas de conjura.

Esteve ou está pronunciado no tribunal da Boa Hora, cartorio do escrivão Vidal, pelo crime de burla efectuada ao comerciante Augusto Martins tendo sido aliançado em 15 contos pelo sr. José Eugenio Dias Ferreira.

Mal vai aos triunfadores do movimento, se é com esta gente que querem subsistir os politicos desonestos!

\* \* \*

O sr. dr. João Camoesas num artigo que publicou no *Rebate* aconselhando os seus correligionarios a estarem firmes, dizia-lhes tambem: «nem transigencias nem alianças.»

Quanto á firmeza, disseram-nos que era piada para os srs. Ernesto Navarro, Rodrigues Gaspar e outros dos actuais magnates do democratismo, afim de evitar que eles façam o mesmo que no tempo do Sidonismo, vindo declarar publicamente que ha muito se encontravam afastados da politica partidaria. Agora quanto á afirmação, «nem transigencias nem alianças», parece, que é para de futuro o directorio não consentir que os siliados transijam com presidentes de ministerios que sem respeito pelos principios e contra a vontade da Nação, teimem em conservar-se á frente do poder, e que aos futuros candidatos a deputados pelo partido seja expressamente vedado fazer alianças com quaisquer outros partidos, especialmente, com monarchicos, forças vivas e catholicos.

Achamos bem o arrependimento. Vale mais tarde que nunca!

\* \* \*

Aquele *nado-obtuso*, que na moribunda dos deputados se dava ao luxo de contender com os trabalhadores da imprensa, num exhibicionismo proprio da sua ignorancia, posou para o A.B.C. á porta do parlamento, no dia derradeira visão.

Um amigo que estava ao nosso lado diz-nos: O Baião está posando e a pensar onde hade ir poisar se fôr corrido do Ultramarino.

Se o enxotarem do Ultramarino, vai poisar na Casa da Calçada, acrescentou outro.

J. P.

# PELA MORALIDADE E CONTRA AS TIRANIAS

Hoje, como ha três meses, defendemos a Liberdade e a Justiça, não querendo que perseguições arbitrarías transformem reus em vítimas

Em o numero 5 de *A Choldra*, publicado em 27 de Fevereiro, escrevemos, um artigo que encimámos com as seguintes frases: «A Republica em perigo. As ditaduras militares que se annunciam, são um perigo para a Liberdade e para a Republica; mas a continuação do partido democratico a dominar o País, não é um perigo menor. E' necessario que os esquerdistas se unam e enfrentem esses dois perigos afastando-os corajosamente.»

Ainda hoje, esse artigo tinha plena oportunidade. Podiamos-lo reproduzir na integra, sem lhe alterar uma virgula.

Todavia reproduziremos alguns dos seus periodos que devidamente comentaremos.

\* \* \*

Escrevemos então: «...Os homens livres de *Portugal*, não podem deixar, sem o seu protesto veemente e formal, feito em todos os campos, vencer a Riverada que se prepara, ou o Mussolini que se anuncia.

Mas, nesta hora grave para a *Republica*, de negros horisontes para a *Liberdade*, é forçoso perguntar, de quem é a culpa do que se prepara e do que se anuncia?

Essa culpa cabe inteira ao sr. Antonio Maria da Silva e aos dirigentes do partido democratico!

Na hora de tomar posições, é necessario que esses homens tomem a posição de reus, que são, de traição consciente ou inconsciente á *Republica* e á *Liberdade*, para que respondam pelos seus crimes.»

De facto, não temos que alterar uma virgula, ao que então escrevemos.

Três menses volvidos as nossas previsões confirmaram-se inteiramente.

De quem é a culpa?

\* \* \*

O partido democratico é o responsavel individual dos perigos que ameaçam a *Republica*. O sr. Antonio Maria da Silva o responsavel directo. O partido democratico sancionou sem protesto e até com apoio, todas as prepotencias de maldade e odio desse rancoroso politico que acaba de presidir a um governo que, desse partido, safu.

Foram as deportações sem julgamento; foram as prisões arbitrarías; foram as intermináveis incomunicabilidades; foram as transferencias dos officiaes e sargentos republicanos que não militavam no seu grémio, que não se curvaram aos pés do sr. Silva, e não lhe chamaram estadista com E grande; foram as deportações dos republicanos que se revoltaram contra este estado de coisas, enquanto aos monarchicos e aos conservadores se lhes dava um tratamento especial; foi o regime de corrupção que o mesmo sr. Silva implantou, para melhor se aguentar nas suas habilidades que não representando intelligencia foram prejudiciaes ao *País* e á *Republica*; foram as falcatuas eleitorais cometidas por esse partido dentro e fora do parlamento, operadas por indicação do mesmo homem; foi, numa palavra, toda a sua obra imoral e anti-republicana!

Os mesmo periodos escrevemos, e as mesmas considerações fizemos, no artigo a que nos estamos reportando, apenas na conjugação dos verbos lhe mudámos os tempos.

\* \* \*

Ainda nesse artigo diziamos nós: «Ha que ir aos Correios e Telegrafos afastar o sr. Antonio Maria da Silva e ver com atenção todas as contas desses serviços, pois desde 1918. que não ha orçamentos, ver ainda como se tem feito a adjudicação dos transportes das malas postais e como se tem consentido a mudança de meios desses transportes, nem deixar de ver tambem como se tem feito a admissão dos serventes, cujo quadro e tá tres vezes excedido, etc., etc.

Ha que ir em nome da moralidade a todos os redutes desse partido—e tantos ele tem!—mantidos com os dinheiros do Estado.»

Quem, ha três menses assim se expressava tem o direito de protestar contra a forma como o sr. Antonio Maria da Silva foi afastado dos Correios e Telegrafos. Alem de ser pouco cortés, é irregular, é impolitico, porque o coloca na situação de vítima em vez de reu, que é.

\* \* \*

Em nome ainda da moralidade, mantemos hoje a mesma doutrina que então defendiamos. E' necessario ir ao Ministerio da Justiça, convi-

# A Esquerda Democratica em face da actual situação politica

«Lobo Reimão», pseudónimo que oculta o nome de um dos parlamentares esquerdistas que, no Congresso da Republica, melhor tem sabido marcar uma posição de merecido relevo, vem dando ao nosso colega *O Mundo* uma colaboração que é, sem favor, brilhante pela forma e pelas afirmações nela formuladas sob o titulo de *Nota Politica*

Porque a *Nota* do numero de *O Mundo* de 9 de Junho marca, indubitavelmente, a realidade dos factos, aqui a vamos reproduzir lamentando não poder fazer o mesmo a outras, por certo, bem mais interessantes.

Não queremos perder o ensejo de lamentar não ter tido a *Choldra*, desde o seu primeiro numero, ensejo de publicar qualquer especie de colaboração que seria valiosa da parte de algumas das pessoas de categoria politica nas esquerdas republicanas. Lamentamos, mas o semanario tem-se feito e, verdade, verdade, com successo e *panache*.

Ou não?

\* \* \*

Não estendeu a Esquerda Democratica a escudela para receber da revolução triunfante a esportula dos seus serviços, Não exigiu, para pautar o seu procedimento contra a ditadura Antonio Maria da Silva, senão a obediencia aos principios determinantes da sua attitude.

Não recebeu de lança em riste o governo saído de uma revolução cujo ambiente, na maior parte, ela criara, pelo esforço sacrificado, extenuante, dos seus propagandistas, dos seus parlamentares, do seu Directorio, cujas

notas officiosas publicadas, quando a indecisão lavrava no Exercito, foram golpes de morte no governo Silva.

Conta-se que um distinto official de Armada, convidado nas vespuras para o movimento militar por um dos mais categorizados chefes da conjura, que lhe afirmou terem o melhor ambiente possível, retorquirá:

— Vocês enganam-se! A atmosfera criada é favoravel, somente á Esquerda Democratica!

Nessa altura, um prestigioso e medalhado official do Exercito, não muito simpatizante com a Esquerda, dizia na Garrett a um parlamentar esquerdista:

— Não ha duvida que, neste momento, a opinião pública está ao vosso lado.

Dir se ha: por que é que a Esquerda Democratica não se aproveitou desse ambiente para se instalar no Poder?

A Esquerda não tem a sofreguidão do poder Reconheceu que as soluções a dar aos diversos problemas nacionais de uma aguda gravidade exigiam um ministerio que não fosse partidario. Isso fora afirmado pela sua propaganda. Era essa a orientação prévia e decidida do seu Directorio.

A Esquerda Democratica preconizou um governo fora dos partidos, que a todos oferecesse garantias de imparcialmente presidir ao acto eleitoral, e, pela competencia assinalada dos seus componentes, a confiança nas soluções que o momento exigia.

Não estendeu a escudela de pedinte para receber favores, mas espera que a não firmem nos seus principios basilares, nem exerçam quaisquer actos que possam ferir os seus partidarios, ou diminuir as posições politicas que conquistou, apesar de todas as illegalidades que contra ela exerceu o Partido Democratico, numa ansia de exterminio.

LOBO REIMÃO

dar o sr. Germano Martins a optar por um dos seus lugares. Exerce esse sr. as funções de director geral da Justiça e a de conservador geral do Registo Civil. Os vencimentos por aquele cargo são conhecidos, por este é que não, visto que recebe emolumentos que lhe são directamente enviados em vales do correio e sem qualquer escripturação. Alem disso é vogal de todas as tribunaes que nesse ministerio funcionam. Muito, em nome da moral republicana e sem perseguições, ha a fazer nesse ministerio.

Ainda sem perseguições que nada depõem a favor de quem as pratica, e que só favorece as pessoas contra quem são feitas.

Muito ha a fazer.

Assim o queiram e saibam os homens que se encontram neste momento á frente dos destinos

da Republica, e para isso não lhe faltarão aplausos.

\*  
\* \*

Não sabemos se os triunfadores do movimento de 27 de Maio, se aperceberam do significado desse movimento. Nele colaborou gente de todos os partidos oposicionistas do partido democratico. Não foi pois uma revolução contra os partidos, mas contra o partido democratico, e mal vai aos homens da situação, se medirem todos pela mesma bitola.

Com isso só lucravam os democraticos, e o País, não aceitando a tirania destes, tambem a não aceitaria a de quaisquer outros.

Entendamo-nos!

# Confíem no Povo!

Os homens que estão no poder devem satisfazer as aspirações populares, metendo na ordem, ou na cadeia, todos os políticos ou banqueiros criminosos

Está no Terreiro do Paço um novo governo.

Tem esses homens, neste momento, variadíssimos problemas nacionais a resolver, qual deles o mais grave e de mais difícil solução.

Os agentes de *Alfredo da Silva* e de *João Ulrich* e de *Burnay*, espreitam, esperam a oportunidade para agir.

Se os homens do actual governo não repudiam do seu convívio certos pescadores das águas turvas, estão aqui, não tarda, nas garras dos homens da Rua dos Capelistas, que não são republicanos nem monárquicos mas apenas repelentes especuladores dos interesses do Povo e da Nação.

O general Gomes da Costa declarou aos jornalistas que é filho do Povo, e que quer o apoio e os aplausos do Povo! Pois bem!

Para poder contar com esse apoio formidável é necessário, é urgente que o governo, ponha em execução medidas que protejam e beneficiem as classes trabalhadoras e as classes médias que muito tem sofrido.

Sem isso, esta situação não se aguentará, desde que vá contra os interesses e liberdades dos que trabalham e produzem, morre fatalmente como morreu a situação de Sidónio!

E' necessário que as políticas corruptas e os homens dessas pomposascaver nas que se denominam de casas bancárias entrem nos eixos, a bem ou a mal.

O povo não pode estar eternamente á mercê de que vendições da alta finança, ao serviço de nações estrangeiras, mancomunados com esses políticos venais o atirem para a luta e para a miséria.

A grande obra a fazer é contra a corja da Rua dos Capelistas, onde reside o grande cancro nacional.

Se o actual governo saído de uma revolução militar, investe a ferro e fogo com esses *patriotas e hourados homens de bem*, tem a seu lado o seu maior apoio, que é a *Alma Popular*!

Não devem abandonar o apoio do Povo! E' com o auxílio do Povo que podem levar até ao fim a sua alta missão. Não confíem só nas baionetas e nos canhões. Confíem no Povo! Façam uma obra popular e nacional e assim vencem!

\*

\* \*

Ulrich de mãos dadas com Afonso Costa e outros políticos, estão irmanados para saquearem o ultimo escudo aos nossos irmãos que nas longinquas paragens de além mar, após longos sofrimentos e canseiras resultantes do seu arduo trabalho, vêm ao regressar á Metropole os poucos escudos que amealharam depreciados por altas percentagens em favor daquela quadrilha que governa o Banco Nacional Ultramarino.

E' urgente para salvar os sagrados interesses da Economia Nacional, resolver a situação de favoritismo de que goza o Banco Ultramarino, de que era delegado nos ultimos governos o sr. Vasco Borges, que por aí se refestela guiando um automovel «Chevrolet» com que o Pereira da Rosa o mimoseou por grandes serviços prestados ao *Seculo*.

E' preciso meter na ordem a alta finança! Os homens do actual governo ainda não tiveram uma frase de repulsa para essa gente, não é preciso sêr-se bolxevista, para repudiar semelhante canalha!

Basta ser-se honesto e leal defensor dos interesses da Nação!

Esta situação gravíssima que o paiz atravessa é por culpa dos maus políticos democraticos pelas suas desmedidas ambições e de mais ninguém. E só eles devem sofrer a dura lição das realidades, pela sua falta de honestidade e de tacto politico.

Fuzilaram operarios e homens de bem. Deportaram operarios e politicos.

A ordem de quem?

Da corja da Rua dos Capelistas, e não á ordem do Terreiro do Paço, como o Povo supõe.

Quem tem mandado neste país é o Alfredo da Silva; é o João Ulrich; é o Burnay e essa cafifa de politicões como o Ernesto de Vilhena, e, toda essa fauna de contrabandistas da finança e da politica.

O País e o Povo são deles!

Monárquicos e democraticos uniam-se para a gamela. Em todas as companhias, empresas e casas bancárias são os monárquicos e os democraticos os donos e senhores dessas cavernas, legalmente organisadas para roubarem o Povo!

Isto é deles e só deles!

E' o cambão para negociarem o País.

E' urgente, é necessário, e já, meter na ordem essa grande quadrilha de politicos e banqueiros, que são a vergonha para a Republica e uma afronta ao Povo que trabalha e anseia por amplas liberdades.

Essa «Caverna Pombalina» que se ergue lá em baixo na Rua dos Capelistas, entre o João

E assim uma das grandes obras que o actual governo tem a fazer, com a absoluta urgencia, para seu prestigio e para solidificar a sua estabilidade, seria com a maxima rapidez e energia resolver o problema das transferencias do dinheiro das nossas colonias, que é um roubo legalizado pelo Estado, em prejuizo daqueles que trabalham para o engrandecimento do nosso patrimonio colonial.

E' ao Banco Ultramarino que se deve o precario estado financeiro da nossa rica provincia de Angola.

\* \* \*

De um outro problema muito importante me irei ocupar, resumidamente por motivo de falta de espaço, mas em outros artigos varios detalhadamente me occuparei d'ele.

Um grave problema tem o actual governo que se occupar e que resolver. Não ignora o governo que faliram em tempos varios bancos, são eles: o Banco Industrial Português, Banco Commercial do Porto, Banco Popular Português, Banco Colonial e Agrícola Português, Banco Economia Português, Banco Internacional do Comercio e muito recentemente as casas José Augusto Dias, Filho & C.<sup>a</sup>, Pinto da Fonseca & Irmão e Fonseca de Araujo Limitada, ha em algumas destas falencias, fraude, burla e falsificação, segundo os relatorios do Sr. Luís Viegas. Não consta que os directores dessas cavernas tenham dado entrada na cadeia, por que influencias politicas se moveram para imitar essa *vergonha!*

No entanto os directores desses bancos estão ricos, para aí andam afrontar com os seus auto-moveis as centenas de pessoas que lhes confiaram os seus haveres e que ficaram sem eles.

Toda a gente conhece quem são os directores de alguns dos bancos falidos, é o Sotto Mayor, é o Augusto Soares (*bom democratico*) é o Ricardo Malheiros é esta quadrilha de ladrões que continua impune dos seus roubos e que certos politicos protege e deixa livremente roubar sem que lhes vá á mão.

E' necessario um exemplo. Quem rouba vai para a cadeia, é uma maxima burguesa, e como burgueses que são esses burlões, para lá devem ir.

O actual governo tem que defender a sociedade desses gatunos, que estão incurso nos artigos 421 e 451 do Código Penal, segundo declara o S. Luís Viegas nos seus relatorios, este importante assunto tem que ser resolvido em ditadura.

A obra a fazer não deve ser contra o Povo, que é roubado; deve ser feita contra os ladrões que roubam o Povo

Cadeia, com eles! Como diz ali o sr. Pereira da Rosa!

ASALFAJO

## Quem?

*Ouvem se os gritos do Lobo. Respondem lhe o esguer das espadas, o armar das baionetas, o marchar das tropas, o rolar dos canhões e o ecoar das ameaças. Das septentrionais paragens, em marchas audazes, caminham sobre o sul estranhas e aguerridas hostes em fragor irado de facundas luctas.*

*Ninguém resiste, todos se curvam e a marcha termina ruidosa, teatral, tambores rufando, gaitões erguidos e os chefes escoando-se por arcarias pombalinas... velhas... pacificas, silenciosas e tristes.*

*O Lobo já não grita.*

*Somem-se as espadas, recolhem-se as baionetas, marcham as tropas, rolam os canhões, desaparecem as ameaças e, do Meio Dia, voltam para o norte cansadas hostes em suspiros abafados de desalentadas marchas. Já se ouve o ultimo clarin, rola o derradeiro canhão. Silencio.*

*Apenas, perante o sorriso triste dos que ficam, estranho truão agita seus guisos gillando sandices em paranoicos esgares.*

*Quem corre o truão?*

*Quem calará os guisos?*

## Bombardeamento... de Lisboa



*— Então o nosso general não bombardeou Lisboa?*

*— Não bombardeou? Só dum tiro joram logo 20.000 contos.*

## Carta a um lisboeta entusiasta

Eu não assisti ao desfile dos 13.000 mil homens, na parada de domingo passado. Mas quiz o acaso que o visse a si, meu amigo, numa fotografia do *Noticias*, agarrado ao rabo do cavalo do general Gomes da Costa, sem chapéu—e surpreendido pela indiscreta objectiva do fotografo, numa attitude de entuissismo completamente descomposta. Não me espantei e murmurei até como quem não se engana nos seus calculos:—ora cá está o nosso homem!

De facto, você era inevitavel. Os seus entusiasmos de ocasião, a grande ansia de viverio e o seu feitio irrequieto—um tudo nada inconsequente, justificam todas as suas obcessões. Eu conheço-o, meu caro lisboeta, como conheço todas as suas façanhas. Quando os jornais gritam:—alerta! você não pensa, não raciocina, não medita dois segundos—e responde: alerta está! Sai então para a rua e dispõe-se a ser epilepticamente patriótico até á hora do jantarinho. Depois, limpa a poeira dos sapatos, senta-se à mesa e come com a tranquillidade sagrada de quem acaba de salvar o mundo. Isto não é de hoje, nem de ontem...

Nós, os portugueses, tomos um grande defeito: não temos a mais pequenina especie de ponderação. Sômos um povo simples, sentimental e acolhedôr—mas sem a consciencia das suas responsabilidades.

Corremos atrás das canas dos foguetes, como garotos de pé descalço. Houve quem dissesse uma vez e a frase propagou-se—que Lisboa era a cidade mais republicana do mundo. Pode afirmar isto quem julgar apenas pelas apparencias.

Lisboa inteira tem saído algumas vezes para a rua, desvairadamente, a dar vivas á Republica. Mas no dia seguinte, Lisboa pratica logo qualquer acto que demonstra cabalmente a maneira completa de espirito republicano.

Nós somos uma cidade de desvairados, ansiosos sempre por ter um idolo, ou um messias.

Deem-nos um idolo a que se possam dar vivas e teremos a população alegre e contente.

Se Lisboa fosse uma cidade republicana, dizia-me ontem um sensato amigo, não teria recebido o general Gomes da Costa com aclamações e flores—mas cantando civicamente a *Portuguesa*.

Nem uma palma, nem uma viva, Unicamente os versos do hino da Republica. Perante uma manifestação de força, a torça das convicções do povo. Assim é que estaria certo...

Mas não. O povo lembrou-se da musica, das fardas, dos cavalos brancos, — e encontrou nas aclamações do general salvador, que declarara não hesitar em bombardear Lisboa—um optimo pretexto para passar uma tarde em cheio.

Ora, a esta fançanata militar, você, meu preso lisboeta, não poderia faltar. Estas coisas estão no feitio e na sua psicologia. E' para você que se imprimem de seis em seis meses, milhares de retratos do *ultimo grande heroi*, a cinco tostões para acabar. Ora repare na sua coleção de pequeninos idolos. Veja a quantidade de paixonetas patrioticas que tem por ano—e concorde comigo, que você não deixa de ser o que se chama em reles linguagem plebeia—um trouxa...

Lembra-se do Zé Tanganho? Naturalmente já se esqueceu. Zé Tanganho era um modesto alquilador das Caldas da Rainha. Recordo pormenores porque os seus herois *vont vit*. O *Diario de Noticias* inventou um *raid* em volta de Portugal. Tanganho concorre e consegue, depois de algumas peripecias, ser o primeiro classificado. A caminho de Lisboa, dão-se algumas scenas verdadeiramente lancinantes. Um benemerito ofereceu a Tanganho um calice de Porto—mas a multidão febril não o deixa beber.—Está envenenado! Está envenenado!

A scena toma proporções de tragedia—a garrafa é estilhaçada e o ofertante corrido á pedra. O desvairamento era geral naquela madrugada de Outubro. Um sopro de loucura corria pelos cerebros. Tanganho, chorava, de comoção e o cavalo tropego já mal se podia arrastar a caminho de Lisboa. Depois a marcha triunfal—e o heroi numa charrete desce da Avenida, entra no Rocio com a multidão puxando aos varais numa apoteose tão digna de epopeia, que as nossas palavras não chegam para a esboçar. Dois dias depois o Tanganho estava esquecido. Seguiu se-lhe a Rainha dos Mercados. No coliseu, como os palhaços tivessem ariscado na consagração—uma parodia um pouco grosseira, ia-se desencadeando uma tempestade infernal, a que só não escaparam algumas cadeiras. O povo delirava, obcecado e entusiasta e você, meu querido lisboeta, lá estava, ó claro, fixe como uma rocha, pronto como sempre a todos os desvairamentos.

Quando foi da morte da Maria Alves, lá o encontrei tambem a si na rua Nova do Almada, á esquina da Boa-Hora, no meio duma enorme população hostile—esperando a entrada do criminoso no tribunal, para o liquidar ali mesmo, a tiro, á bengalada, á facada—fosse lá como fosse.

Vem depois o negocio das senhas. A população perde a cabeça e não houve nenhum burguês, daqueles que estiveram no domingo na parada, que não passasse uma fria noite de inverno na arcada dum escritorio-vigario á espera que se abrissem as portas da Fortuna. Você, meu preso lisboeta, conseguiu perder quinze noites a

# A novissima linguagem oficial

ou

a moderna maneira de prestigiar os altos cargos segundo as normas da ordem e da disciplina

fio, nessa faina pela conquista dos milagrosos *tickets*. Depois, entra em scena a policia e resolve justamente liquidar a famosa intrujico. Foi o diabo! Lisboa insurge-se, indigna-se, barafusta acaloradamente. Que tem a policia que vêr com a nessa vida? Houve pranchadas, correrias, lagrimas e panico. Lisboa reputou de infamissima violencia a intervenção policial, que a vinha libertar das garras de meia duzia de intrujdes. Que querem! A nossa capital é assim. Não sabe raciocinar. Segue inconscientemente ao sabor dos seus caprichos o dos seus appetites. Mais nada.

Ora, você, que puxou as redeas do cavallo do Tanganho, que levou o heroi ao colo, que apedrejou um preso que ia no meio duma escolta e que andou oito dias aos vivas á rainha Ilda da Praça da Figueira—você que se péla por apparatus militares, foguetes e bandeiras ao vento, não podia faltar, no domingo á grande manifestação ao seu novo redentor—o general Gomes da Costa. Era em verdade, ali o seu lugar, meu entusiasta lisboeta. Para mais, as festas dos jardins falharam e era necessario desviar para outro campo o regabofe esperado com tanto empenho...

O general veiu—e o arraial fez-se na mesma, apenas com outro aspecto. Portanto, você anda feliz e contente—e o seu unico desejo é que a ramboia não pare. Ontem, o Tanganho, hoje, o general redentor. Ah, meu amigo, para quem estão reservados, amanhã, os seus delirantes entusiasmos?

E por agora apenas desejo sinceramente, que não lhe venham ainda a cair sobre os ombros—os chanfalhos das tropas que no domingo tão delirantemente aplaudiu...

## UM LISBOETA SENSATO.

### O cumprimento da lei

Vão regressar à metropole e ser julgados em Lisboa os chamados legionarios?

O governo párece estar hesitante perante a resolução de fazer regressar á Metropole os deportados da Guiné e Cabo Verde promovendo o seu immediato julgamento.

Não tem que hesitar. Fazendo-o, cumpre o seu dever e obedece á Lei—a lei tantas vezes evocada pela Esquerda no Parlamento e na praça publica perante a indifferença torva dos dirigentes do P. R. P. e o riso escarninho do sr. Antonio Maria da Silva!

Cumpra-se a lei e não se esqueçam os homens que, nas cadeias da Metropole, sofrem, desesperados, a perseguição acintosa de uma policia sem escrupulos.

Castiguem-se os culpados, mas só os culpados!

«Gajada:—Isto agora vai ou racha. E não julguem que me affige que certa malta esteja contra mim, porque eu estou-me nas tintas. Quem manda nisto sou eu. Vocês são todos burros—e andam para aí uns porcalhões indecentes. São restos da canalha que mandava nisto. Vocês têm todos cara de fome, metem dó!

Os quartéis têm sido chiqueiros, pois agora hão-de ter *moples* e tudo puxado á sustancia. Quem pode, pode! Eu nunca tive medo porque tenho os c... (a *Choldra* passa adiante por não estar ainda identificada com a nova linguagem official) Ponham os bonés na cabeça. Aqui ninguem se descobre. A cortesia é desnecessaria. Vocês já ficam sabendo que quem manda sou eu—e está tudo dito. Não refilem e andem direitinhos, porque a cagança não lhes serve de nada e vocês não passam duns m...

Eu estou aqui porque entendo que vou salvar esta pepineira.

Mas se por acaso falhar e vir que não tenha capacidade para meter este t... nos eixos, então vou outra vez lá para fóra—e faço outra revolução nacional. Bom. Não fiquem a olhar para mim com essa cara de parvos! Ponham-se todos no olho da rua».

—

N. da R.—Ha quem defenda esta maneira de falar, de que damos um discurso—hipotese, e a justifique, como a expressão rude dum militar sincero. Devemos no entanto distinguir a sinceridade da grossaria. Um regime de ordem e disciplina parece dever impôr-se pela sobriedade e pela correção—e não por destram belhamentos reles de linguagem. Tudo se pode dizer respeitando os outros e fazendo-nos respeitar a nós próprios. O primeiro dever de quem se pretende impôr pela autoridade—é ter a exacta consciencia das suas palavras.

A fidalguia não é exclusivo dos aristocratas—mas de todos os homens de educação, que sabem medir convenientemente todas as suas situações. De contrario—é a anarquia. Portugal não é uma caserna em folga. Meçam-se pois convenientemente as responsabilidades, evitando o degradante espectáculo de baixa força de ouvirmos constantemente certos homens publicos—a usarem uma linguagem impropria, por todas as razões—dos lugares que ocupam.

Isto para o actual sistema politico não cair pela abjeção.

## OBRA NECESSARIA

## A que vem o governo saído da Revolução!?

Insistimos: este governo ou faz a obra necessaria de depuração e guerra contra os *cambões*, ou terá de ser considerado por nós *cumplite* das roubalheiras efectivadas e impunes!

Ha problemas graves a resolver. A sua solução terá de ser demorada para que ponderadamente se faça o respectivo estudo mas ha outros assuntos que só dependem de honestidade, intelligencia e decisão.

Porque se não resolve?

Pior: porque não se esboça sequer o desejo de os resolver? Não o duvida o governo — nós

não hesitaremos no ataque sejam quais foram as peias politicas que se pretendam erguer quando nos convenceremos de que a *Farsa* é igual á representada pelos democraticos e que os *jar-santes*, porque maior honestidade proclamam, são piores do que os que estavam!

Não hesitaremos!

Queremos situações claras. Palavras não bastam. Intenções boas não chegam! Até hoje, da obra necessaria, ainda nada se fez. Por isso voltamos a perguntar!

## A que veem?

*Dizer ao Povo o resultado do inquerito ás contas entre o Banco Ultramarino e o Estado?*

*Ordenar um rigoroso exame á escrita da Companhia dos Tabacos?*

*Meter na cadeia os homens que, de 500 mil libras que os bancos deviam ao Estado, as reduziram a 30 mil, roubando o país em 470 mil libras?*

*Dizer-nos porque, de 15 mil contos em acções que o Estado devia receber da Companhia dos Fós-fos, só recebeu 3 mil?*

*Anular os decretos publicados pelo ultimo governo na pasta das Colonias, favorecendo contra os interesses nacionais, descarada e ignóbilmente, o Banco Ultramarino?*

*Averiguar qual o ministro que, nesse gabinete, tinha intimas relações com tal banco e, dentro do governo, o servia e a defendia?*

*Prender os culpados dos escandalos temerosos e ainda não tornados publicos, das reparações?*

*Fazer julgar rapidamente os homens do Angola e Metropole?*

## A que veem?

*Reduzir os efectivos do Exército que tão gravemente pesam no orçamento da nação?*

*Anular o afrontoso decreto que concedeu uma subvenção á força armada?*

*Olhar e acarinhar esses prestimosos elementos que são os honrados sargentos do nosso exercito?*

*Permitir, regulamentar ou proibir esse cancro tremendo que se chama o jogo?*

*Marcar o limite maximo dos vencimentos do funcionario publico?*

*Terminar com as escondalosas accumulções?*

*Resolver rapida e energicamente o instante problema das transferencias do dinheiro colonial?*

*Dissolver e moralisar as policias e, em especial, a de investigação?*

*Obrigar á liquidação rapida dos abonos feitos a varios funcionarios por comissões de serviço no estrangeiro e colonias?*

*Olhar a serlo para certas manobras dos varios cambões para ahí existentes?*

**Estabelecer, para os tabacos, monopolio, liberdade ou régie?**

## PAPEIS VELHOS

## A DEMOCRACIA AVANÇA

Como os bons republicanos pareciam ver, ha desasseis anos,  
o momento que ora decorre

A democracia avança. Quem quizer que se incompatibilise com ella; mas avança com a força serena do mar alteroso, que se subverterá todos os que, como imutaveis penedos, se conservem agarrados ao lugar em que a natureza os collocou. A democracia avança e não será a vontade mesquinha dos homens adversos, que impedirá esse grande poder anonimo de seguir implacavel na sua derrota do justiça e do bem geral.

Não é esta a obra dum homem, nem de alguns homens, por maior que seja o poder e sedução da sua palavra clamorosa, ou do seu escrever claro; é antes e sobre tudo um acto de consciencia colectiva da sociedade moderna, trabalhada desde seculos pela filosofia de cada vez mais positiva; da sciencia de cada vez mais demonstradora da equiparação para uma sociedade sem desigualdades, que não sejam as do reciproco valor: duma industria progressivamente mais libertadora da vida rude, em que gerações teem vivido, adestrictas á terra e apegadas aos instrumentos de trabalho, como a uma cruz. Trabalho, hade haver o sempre; porque por ele progredimos e é ele que nobilita o homem. Cada qual continuará a trabalhar, este com pensamentos nas artes e nas sciencias especulativas, aquelle com o escalpelo, com o compasso, com o oculo: ainda outro com a maquina, com o tear com a rabiça do arado, com a enxada... mas todos terão a sua dignidade reconhecida, o seu bem estar garantido nas leis, a sua justiça aplaudida nas assembleias, onde todas as vozes terão de ser ouvidas com prudencia, com equidade e com esse grande espirito de tolerancia, que é a maior conquista das sociedades modernas.

Malquiste-se quem for cego com a democracia, não lhe reconheça o impeto avassalador em que vem pelo mundo fóra, tente pôr-lhe embaraços com algum grão de areia, procure especar velhas e caducas instituições com um palito, que tudo isso será irrisorio; porque a grande força que é um sumatorio da força de todos, ha-de subvertel-o, ha-de passar por cima, ainda que fosse de mil baluartes.

Portanto, conformem-se com a democracia, venham a ella que é a mãe generosa de todos, nos seus amplos braços apertará qualquer que lhe acerque, dos seus uberrimos seios sustentará os que se disserem seus filhos. Não transijam, isso não; porque a democracia não aceita pactos indecorosos e a transigencia é-o. Reconheçam,

os iludidos, o seu poder substancial, confessem-no; porque o arrependimento do erro dignifica, alevanta os corações, ascendo aos ares, onde pestilencias não chegam.

A forma moderna, verdadeiramente moderna de governo, é a da vontade colectiva. Isso que outrora em Roma se chamou democracia, não o era no sentido que actualmente lhe damos. Eram aglomerados de gente indisciplinada, era a multidão corrompida pelos generais que buscavam a gloria, e mais que a gloria o mando, e mais que o mando a riqueza e o goso material em toda a sua expansão. Cesar foi o tipo assinalado desta especie de estadistas e vive hoje na historia com a repugnancia de todas as consciencias limpas.

O brilho de Cesar tem pelos tempos fóra corrompido muitos homens e mais que homens tem corrompido épocas. O génio deste homem tem feito pior á sociedade humana do que milhões de facinoras; porque tinha o exterior dourado, praticou feitos assinalados; mas dele data o principio da decadencia da grande nação, organizada pelos primeiros homens da republica. O tipo de Cesar, e ha os de todos os tamanhos, ainda hoje é apregoado como necessario por *habets* oliiucos, que não teem cerebro superior ao duma galinha. Porém a democracia moderna tem-no desfeito em cisco, pelo riso, pelo argumento, pelo facto. E' a grandeza da actual sociedade democratica, ter desarticulado Cesar, atirando os pedaços para o fundo mar do olvido. Hoje Cesar somos nós todos reunidos, deliberando. Com o saber accumulado, com a equidade por norma, com a ponderação dos valores individuais reconhecidos, governam-se as sociedades actuais, produzindo a maior soma de justiça, que no estado actual de civilisação a mente do homem póde perceber.

E quem produziu esta alta e nitida compreensão do metodo de governar a sociedade? Foi um homem de genio? Não. Foi um heroi? Ainda menos. Foi um santo? Esse, não, que só aspira ao reino do ceu. Foram os pensadores e os publicistas; foi a sciencia no seu anonimato fecundo; foi a razão humana; o que quer simplesmente dizer que foi o principal e grande obreiro, o Homem, guiado pela sua consciencia, pela sua sensibilidade. A multidão salvou a sociedade porque sem ella e sem o seu apoio não se pôde dar um passo no caminho do progredimento. Ora o Homem, a multidão, na sua vasta intelec-

# POR BEM . . . DA VIDA MENTAL

As últimas produções literarias

*Cartas de Amor, por Henrique de Vilhena*

Henrique de Vilhena, professor da Faculdade de Medicina, autor de dois pouco esclarecedores volumes de estética e arte, acaba de publicar um romance, o segundo, na sua recentissima obra literaria. Henrique de Vilhena não tem o temperamento dum homem de letras. Os seus dois livros de arte, escritos numa forma arrevezada, não marcam pontos de vista novos, nem são o fruto duma ampla estética, fixadora, em estudos ou ensaios, duma personalidade. Não passam de retalhos de clinica, comentada em apontamentos banalissimos e em notas sem inedito referentes a assuntos demasiado debatidos. São dois volumes que ficaram esquecidos nas estantes das livrarias, sem terem preocupado as raras pessoas cultas que entre nós se dedicam a assuntos de arte. Mas Henrique de Vilhena resolveu não ficar por ali e desviando-se das suas aptidões profissionais, quiz fazer ás almas, o que o seu adextrado bisturi tão treinado está em fazer aos cadáveres — disseca-las. O seu primeiro romance de que nos falha agora o titulo, era a historia dum adolescente, contada didacticamente, e portanto sem a estuante porção de vida indispensavel á suggestão da rialidade. Mas agora nas *Cartas de Amor*, agrava o illustre mestre da Faculdade de Medicina, a sua situação de homem de letras. Henrique de Vilhena, no seu esticado volume, não consegue, nem por instantes, dar-nos um forte sopro de inspiração e de rajada amorosa. Monotonamente as cartas sucedem-se rasteiras e piegas, numa sentimentalidade insulsa a que não falta, em todas elas, a *patine* da banalidade. O estudo psicologico dos herois define-se em meia duzia de traços, fixados á muito em todos os epistolarios amorosos. Estamos portanto em frente dum desagradavel volume — triste, macisso, retorico e pouco humano que nos faz chegar apenas á desoladora conclusão de que em Portugal, anda decididamente tudo trocado, pois era mais logico esperar dum professor da escola medica qualquer tratado sobre materia da sua

profissão—que bem raras são as tentativas de estudos scientificos entre os mestres das escolas superiores, em lugar de as vermos perder o seu precioso tempo — e é o caso o Henrique de Vilhena, em infrutiveras e intelizes tentativas de abstrações literarias. . .

*A Costela de Adão, por Mercedes Blasco.*

Mercedes Blasco correu as sete partidas do mundo, cantando, representando — e amando. A guerra trouxe á sua vida errante alguns tristes dissabores e um dia, amarguradamente, entrou de novo em Lisboa, com um filho doente — e muitos sonhos no cerebro. Mercedes Blasco é uma mulher que sabe sonhar. Depois do teatro, o jornalismo. Esquecida a grande illusão da scena, a morfina enganadora dos exitos literarios, foi a nova preocupação desta mulher franzina, sempre disposta a lutar — mas tambem a viver. A grande preocupação de Mercedes Blasco tem sido o seu triunfo. Quere viver colada ás folhas dos jornais, quere ser um permanente *vient-de-paratre* nos livreiros — e tem um horror fisico ao isolamento, ao abandono. Os livros de Mercedes Blasco são as suas tagarelices com o passado, nas horas de maior saudade. Escreve recordando a vida que tanto amou e espalha-a nas suas edições, orgulhosamente, para que os outros a conheçam e talvez para que a invejem. A sua mocidade é o escudo da sua maior gloria. O seu maior entusiasmo é dar a todos, um pouco da sua vida passada e para isso — escreve, escreve, escreve. . .

*Adão e a sua Costela*, na já longa série de volumes de Mercedes Blasco, são mais algumas historias das mil e uma que a antiga actriz, trar presas á sua alma fantasista — e que vão dando aos admiradores da sua literatura, passo a passo, o roteiro da sua vida sentimental e amorosa. — C.

Querendo a «Choldra» dar a maior amplidão á sua secção de vida mental será feita todas as semanas larga critica de todos os livros que nos forem enviados.

gencia, é que manda em toda a parte, e certas formas de governo obsolétas e egocentricas, se quorem viver algum tempo, tem de se acomodar querer. Se o não fizerem morrem estioladas, falta-lhes a luz que tudo vivifica, a opinião. Governe, pois, em Portugal a verdadeira democracia se quizermos dias melhores, se quizermos ver restauradas as forças da nação. Deem de beber a este organismo enfraquecido por um labutar

inutil de tantas gerações, a rovigoradora *eau de juvence*, esse maravilhoso elixir dum verdadeiro governo moderno, para termos um paiz forte digno, vigoroso, que viva na verdade e no trabalho, para a verdade e para o trabalho. Deem-lhe uma republica honesta e modesta.

28 de Agosto de 1910.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

## REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

## TEATRO DA POLÍTICA

HOJE HOJE

## A pedido do respeitavel publico

Ultima, difinitiva e irrevogavel representação da revista de grande sucesso (foi o que se viu)

## O PAIZ É MEU!...

## AVISO

Devido a um «caso de força maior», garante-se que esta Companhia não dá espectaculos nos tempos mais chegados...

## Ultimo e derradeiro quadro

## Na bastilha... da rua Capêlo

*(O governo (?) está reunido no gabinete do chefe do distrito.**Carcereiros, gameleiros e varios individuos cujos objectivos qualificativos rimam, segundo consta. Chegam informações da revolução triunfante).*O SILVA *(da instrução)*

O! rapazes, qual de vocês redige melhor?

TODOS

Eu! Eu!

O SILVA *(do interior)*

Ha aí menino que é tal e qual como Deus: Escreve direito por linhas tortas e até anda sempre torto...

O BARBOSA

Não é por me gabar, mas aqui estou eu a quem não ha linhas que assustem, por mais tortas que sejam!

O SILVA *(da instrução)*

Bem se vê que o governador é um homem de direito... e ás direitas!

O BARBOSA

Graças a Deus já formado ha muito tempo...

O SILVA *(do interior)*

Que lhe preste! (Outro tom) Qual de vocês é capaz de escrever o comunicado das 17 horas?

UM ESBIRRO

Eu, para isso sou artista. Até me chamam o In-  
truja!O SILVA *(da instrução)*

(Ao esbirro) Escreve lá e nada de alusões ao chefe do governo...

O SILVA *(do interior)*

(Ditando) Um insignificante nucleo de tropas...

UM ESBIRRO *(escrevendo)*

Tropas...

O SILVA *(da instrução)*

Tentou sublevar-se. O governo...

UM ESBIRRO *(como acalma)*

Governo...

O SILVA *(do interior)*

Está completamente senhor da situação...

UM LACAIO *(interrompendo)*

Está lá fora um redactor do Mundo a perguntar porque foi apreendido aquele jornal!

O BARBOSA *(num impeto)*

Porque é republicano! (Emendando) porque traz noticias tendenciosas.

Que mande cá um exemplar para controlarmos a sua informação com a nossa...

UMA VOZ *(de fóra)*

Muito obrigado, mas despresamos as suas informações oficiais...

O SILVA *(da Instrução)*

Ah! sim! Pois não deixem girar O Mundo.

UM ESBIRRO

E A Choldra! São dois jornais subsidiados pelos soviets!

O SILVA *(do interior)*

Está pronto o comunicado? Barbosa, mande imprimir e afixar (Ouve-se retinir o telefone: Trin! Trin!

O BARBOSA *(com o auscultador ao ouvido)*

Ah! O quê? Todas as divisões? Isso não pode ser! (desliga bruscamente)

## CRONICA DOS TEATROS

**O ANTEPASSADO** — *Comedia em 3 actos original de Carlo Veneziani, traducção de Mario Duarte.*

A ideia do autor desta ligeira comedia foi procurar trazer para os nossos dias, uma figura viva que tivesse existido ha alguns seculos atraz e arrancar depois pelo contraste dos costumes, dos habitos, das psicologias e até das coisas—três actos girando em volta deste tema, que tivessem humorismo e observação. Encontrando o heroi, esboçado em tenue enredo, o autor poz de pé a peça, mas sem ter conseguido vincar, a não ser em meia duzia de pormenros—a vasta escala de conflitos de toda a especie, a que um pouco de imaginação, por assim dizer retrospectiva, poderia dar lugar. O defeito da peça é ser apenas um esboço. Ampliada, cimentada e desenvolvida na sua evolução natural—aproveitados os multiplos recursos que poderiam derivar da situação urdida pelo autor—estava realisada uma comedia que o publico, sem occasião para se firmar na irrealidade da acção—aceitaria pela força dos conflitos, a agudeza dos contrastes e o constante renovar de situações, sempre pitorescas, epostas, coloridas.

O heroi de Carlos Veneziani perde muito tempo a falar. E numa peça deste genero tudo

quanto não seja acção continua, immediata—é ceder terreno ao espectador desconfiado. A linguagem falada entre dois homens que conversam, depois de separados por um abismo de três seculos, não dá, na peça, pelo menos na traducção, a necessaria nota pitoresca. O autor ou o tradutor, poz na boca do Antepassado unicamente o lugar comum da linguagem empolada e convencional usada, entre nós, dramas historicos e, isso, se bem que nos dê, de certo modo, uma quasi graciosa *trouville*, não confessa, pela vulgaridade, os efeitos que poderiam ser tirados...

E com estas considerações queremos nós concluir que o *Antepassado* é uma comedia que Carlos Veneziani teve a infelicidade de não escrever!...

O desempenho dado á peça pelos artistas que se conservam ainda no Nacional, neste fim desgraçado da epoca—e num ultimo recurso de luta pela vida, foi, incontestavelmente honesto e agradável. Luiz Pinto, no heroi, Ribeiro Lopes, num resignado barão e engenheiro, Albertina de Oliveira, o jovem Salvador Marques, que tem uma scena no 2.º acto, bem marcada, Emilia Fernandes e todos os outros artista, sob a direcção de Antonio Pinheiro, formaram um conjunto harmonico, vivo e buliçoso. São dignos do nosso aplauso e dos aplausos do publico...

O SILVA (*da Instrução*)

Não façam caso do que dizem, ó Antonio Maria! A vitoria é nossa! (Com afabilidade) Olha meu velho! Toma lá bilhetes para o Teatro Nacional. Dá-os aos teus amigos para assistirem á recita de gala, em acções, de graça pelo nosso triumpho!

O SILVA (*do Interior*)

(Aceitando os bilhetes) Tens razão. Isto não ha-de ser nada!

(Grande azafama de carcereiros, gameleiros e patrioteiros)

## TODOS

O que ha?! O que ha?!

UM ESBIRRO (*empanhando um lapls azul*)

Agora é que é certo! A revolução triumphou!

O SILVA (*da Instrução*)

Mande já tocar a rebate!

## UM ESBIRRO

Impossivel! Então quem faz a censura?

O SILVA (*do Interior*)

Vou já direitinho a Santa Marta!... (Precipitadamente, vai a sair e põe na cabeça o boné do continuo)

O SILVA (*da Instrução*)

(Reparando no chefe do governo (?) Com esse boné e com os bilhetes na mão, parece um contractador.

O SILVA (*do Interior*)

(Com a voz a extinguir-se lentamente) Bem dizia a *Choldra*... na revista... da semana!

*Xaral... ou... barandas... Fo...mos a...ter...ral*

(Cal inanimado)

(Tremulo na orquesta e nas pernas dos varios personagens em scena.)

## CAI O PAÑO

## A Choldra

Faz uma intensa propaganda pela Republica

Durante os dias agitados e ansiosos da ultima semana, *A Choldra* marcou pela propaganda intensa que fez por meio de prospectos e do seu ultimo numero cuja doutrina marcou na alma republicana como a linguagem da verdade e da justica.

Dois automoveis percorreram a cidade e *A Choldra* esgotou-se mal nos restando os exemplares necessarios ás nossos colecções. Este successo anima-nos. *A Choldra* continuará a sua acção: contra o Partido Democratico enquanto se não depurar dos maus elementos que o dirigem e contra todas as violencias, pela Liberdade e pela Republica!